

262

OS MERCADOS FUTUROS DE AÇÚCAR E ÁLCOOL SÃO REPRESENTATIVOS? UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA LIQUIDEZ E DA PRODUÇÃO FÍSICA. Ari Aloisio Justen Junior, Felipe Tavares Milach, Kelmara Mendes Vieira (orient.) (UFSM).

O Brasil é líder mundial na produção de vários produtos, entre eles a cana de açúcar. Uma das alternativas de comercialização é a utilização do mercado futuro, como forma de gerar liquidez às negociações desses produtos. Assim, este estudo tem por objetivos: analisar a evolução do mercado futuro de açúcar e álcool em termos de liquidez e comparar o comportamento do mercado futuro com o mercado físico destes produtos. Para tanto foi analisado o comportamento das duas commodities em relação a duas medidas de liquidez presentes na literatura: quantidade de negócios e volume financeiro. As características desses contratos tais como, cotações, prazos, ajustes diários, margens de garantia e liquidação são estabelecidas visando à padronização dos contratos, condição imprescindível para que os produtos sejam negociados em bolsa e tenham liquidez. A amostra é formada por todos os contratos de futuros negociados para o açúcar da BM&F, no período de janeiro de 2000 até outubro de 2007, e para o álcool, no período de julho de 2000 até dezembro de 2006. Os resultados para o açúcar apontaram uma redução na quantidade de negócios ao longo do período de -44, 43% para o ano de 2007 em relação a 2000. Por outro lado, o volume financeiro apresentou uma variação acumulada positiva de 47, 73%, para 2007 em relação a 2000. A comparação com os indicadores do mercado físico, mostra que a liquidez do mercado futuro do açúcar não acompanha o crescimento do mercado em termos de volume total de produção e exportação do produto. Em relação ao álcool, os resultados indicaram, para a quantidade de negócios, uma variação acumulada negativa de -76, 20%, na comparação entre os anos de 2006 e 2000. O volume financeiro negociado também reduziu consideravelmente no período, -83, 38%. Comparativamente ao mercado físico, o volume total negociado não chega a 3% da produção brasileira. (Fapergs).